Maternidade e exercício profissional*

SILVIA MAGALHÃES BATISTA**

1. Introdução; 2. Metodologia; 3. Discussão e conclusão.

Este estudo examina algumas características apresentadas por 32 famílias belgas com filho único na idade de 12 meses. Desde o nascimento da criança 16 mães exerciam uma atividade profissional e 16 não o faziam. Foi utilizada uma entrevista para a obtenção de informações das mães quanto à satisfação com seu *status*, à sua percepção da maternidade, às práticas educativas e aos modelos de papéis familiares. Os resultados mostram que nas famílias em que a mãe exerce uma atividade profissional há maior participação dos maridos nas tarefas domésticas e cuidados dispensados à criança, assim como a ausência de desejos de um segundo filho. A creche é escolhida sobretudo por facilidades de localização e a ela, na maioria dos casos, compete o banho diário da criança. Considerações sobre a importância da escolha e a responsabilidade da creche são feitas. Um número significantemente maior de mães que não trabalham fora confessa ter dificuldades com a criança.

1. Introdução

Vários autores têm enfatizado a importância da ligação e da relação bipessoal mãe-criança nos primeiros anos (Spitz, 1945; Bowlby, 1958, 1978; Yarrow, 1964; Winnicott, 1970, 1971): a relação satisfatória da criança com a figura materna sendo essencial para o desenvolvimento de uma personalidade harmoniosa.

Nos últimos anos tem-se observado um aumento crescente do trabalho feminino, particularmente o de mães, conseqüência de uma maior escolarização, de uma formação profissional mais especializada e sobretudo de uma evolução nas idéias referentes ao papel da mulher na sociedade. Atualmente, no conjunto da comunidade européia, 44% das mulheres entre 14 e 59 anos exercem uma atividade profissional e em cada três mulheres casadas uma trabalha fora (Morgan, 1979).

* Artigo apresentado à Redação em 3.11.82.
** Da Universidade Federal do Espírito Santo. (Endereço da autora: Rua XV de Novembro, 439 — 29100 — Praia da Costa, ES.)

Nas décadas de 50 e 60, o aumento do número de mães exercendo uma atividade profissional despertou naturalmente o interesse dos pesquisadores sobre os possíveis efeitos deste trabalho sobre a criança. Todavia, como bem observa Hoffman (1974) numa exaustiva revisão, estas pesquisas foram pouco sistematizadas, apresentaram uma série de deficiências metodológicas e focalizaram exclusivamente os efeitos sobre crianças em idade escolar. Este último aspecto deveu-se possivelmente ao fato de que nesta época eram mais raras as mães de crianças pequenas que trabalhavam fora.

Atualmente, porém, uma nova tendência parece delinear-se. Observa-se um número cada vez maior de mães de crianças pequenas (menores de três anos) exercendo uma atividade profissional. Na Bélgica, por exemplo, constata-se que a taxa de atividade mais elevada (46,7%) das mulheres casadas, com filhos, vivendo com seu esposo, refere-se ao grupo daquelas que têm um filho único com menos de seis anos. Na realidade, no que se refere ainda à mulher casada que vive com seu esposo, observa-se que a taxa de atividade feminina diminui na medida em que aumentam: a) idade da mulher; b) número de anos de casada; c) número de filhos; d) idade do filho único ou caçula (Institut National de Statistique, 1975).

Desta forma se considerarmos (1) que o desenvolvimento ulterior da criança depende da qualidade das relações que sua mãe estabelece com ela durante seus primeiros anos e (2) que atualmente o exercício de uma atividade profissional pela mãe se torna cada vez mais freqüente enquanto a criança é pequena, é fundamental o questionamento sobre o destino da criança sob tais condições.

Se por um lado os estudos sobre os efeitos do trabalho materno em criança de idade escolar em geral tranqüilizam as mães pela ausência de efeitos negativos, somos obrigados a constatar que, no que se refere aos efeitos sobre crianças em baixa idade, nosso desconhecimento é grande e ainda maior quando são focalizadas as próprias mães (Moore, 1969; Yudkin & Holme, 1969; Hoffman, 1974; Murray, 1975).

O presente estudo é exploratório. Ele faz parte de um projeto mais amplo que visa o exame da relação mãe-criança em seu primeiro ano de vida, em famílias cuja mãe exerce ou não uma atividade profissional. Este artigo focaliza particularmente as semelhanças e diferenças apresentadas por esses dois grupos de família no que se refere à satisfação da mãe com seu *status* (exercício de uma atividade profissional ou maternidade em tempo integral), à sua percepção de maternidade, às práticas educativas e aos modelos de papéis familiares.

2. **Metodologia**

2.1 *Amostra*

Os sujeitos deste estudo foram 32 mães de filhos únicos, 16 das quais exerciam uma atividade profissional em tempo integral desde o término da licença de gestação (aqui designado por grupo MTE) e 16 não trabalhavam fora a partir do nascimento da criança (grupo MFO).

A seleção desta amostra foi feita através de creches em diferentes bairros de Bruxelas para as mães que exerciam uma atividade profissional e através do Serviço de Consulta para Bebês (Oeuvre Nationale de l'Enfance — ONE) para as mães que não trabalhavam fora. Os dois grupos de mães eram perfeitamente comparáveis quanto a variáveis sócio-econômicas: salário do marido, nível

de instrução da mãe (2º grau completo), composição da família (exclusivamente pai, mãe e filho único), nacionalidade (todos belgas), idade da criança no momento da coleta dos dados (12 meses) e satisfação da mãe por sua situação de trabalhar ou não fora. Os dados foram coletados durante o decorrer do ano de 1978 e meados de 1979.

Inicialmente foram enviados uma carta e um questionário para um grande número de mães e a partir das respostas obtidas por este questionário foi constituída a amostra.

As características demográficas da amostra podem ser vistas na tabela 1.

Tabela 1

Características demográficas

	MTE	MFO
A. *Crianças*		
Meninas	7	5
Meninos	9	11
Total	16	16
B. *Pais*		
1. Idade média	25,7	28,9
2. Grau de instrução		
Certificado primário	6	1
1º grau completo	3	—
2º grau completo	2	3
Nível técnico superior	4	5
Nível universitário	1	7
Total	16	16
C. *Mães*		
1. Idade média	24,7	25,6
2. Grau de instrução		
2º grau completo	12	7
Nível técnico superior	4	9
Total	16	16

Todas as crianças nasceram de gestação completa e nenhuma delas recebeu cuidados especiais por ocasião do nascimento. Um outro aspecto considerado foi a separação por mais de dois dias consecutivos dessas crianças de sua mãe — a história dos dois grupos era semelhante. A idade média das crianças do grupo MTE no momento de sua colocação na creche era 13,8 semanas (faixa compreendida entre seis e 18 semanas).

2.2 *Procedimento*

O projeto, no qual este estudo está inserido, comporta observações naturalistas da relação mãe-criança assim como uma entrevista com a mãe. Todos os dados foram coletados no domicílio das famílias.

Neste artigo foram abordados apenas resultados parciais da entrevista, ou seja a análise das respostas dadas às diferentes questões.

A entrevista foi aplicada na quarta visita feita às famílias, foi gravada em sua integralidade e tinha uma duração média de 90 minutos. A presença dos pais foi de 62,5% no grupo MTE e 43,75% em MFO.

As questões iniciais não eram objeto de nenhuma análise — elas foram colocadas a fim de habituar a mãe à situação e torná-la, assim, mais natural para o que se seguiria.

As questões foram elaboradas de acordo com as necessidades de pesquisa.[1] Elas focalizavam:

a) as práticas educativas (por exemplo: como se passa o momento da alimentação de seu filho?);

b) os papéis familiares (por exemplo: em algumas famílias o trabalho é mais ou menos dividido entre marido e mulher: trabalho doméstico e cuidados da criança para a mulher e consertos da casa, marcenaria para o homem. Como isto se passa em sua família?);

c) a relação mãe-filho:

- implicação emocional (por exemplo: quais são as coisas de que você mais gosta de participar com seu filho? Quais os três momentos do dia de que você mais gosta? E os de que você menos gosta?);
- percepção da maternidade (por exemplo: você tem impressão de que o fato de ter um filho mudou sua vida?);
- apreensão de seu desempenho como mãe (por exemplo: um número grande de mães sente, com seu primeiro filho, preocupações a respeito de seu desempenho como mãe. Como isto se passa com você?);

d) *status* da mãe (exercer ou não uma atividade profissional) e a satisfação sentida (por exemplo: quais as razões que a levaram a/não exercer uma atividade profissional? Você já pensou em parar de/começar a exercer uma atividade profissional?)

O conjunto das questões foi submetido a um estudo-piloto com oito mães de crianças pequenas a fim de verificar se seriam necessárias modificações.

2.3 *Resultados*

As respostas dadas na entrevista foram agrupadas em três domínios principais:

a) o trabalho ou não fora de casa;

b) a relação mãe-criança e a percepção da maternidade;

c) os papéis familiares.

[1] Pedidos para obtenção do roteiro da entrevista podem ser enviados para a autora: Silvia Magalhães Batista. Departamento de Psicologia — CEG — Universidade Federal do Espírito Santo — *Campus* Universitário — 29000 — Vitória, ES.

2.3.1 O trabalho ou não fora de casa

Grupos de mães que exercem uma atividade profissional

A. O trabalho fora de casa

A razão mais evocada para trabalhar fora, e fazê-lo em tempo integral, é de ordem econômica. Um número importante de mães (50%) exprime também não poder ficar sem uma atividade exterior, pois elas não suportariam ficar em casa o dia inteiro. Com efeito, quando lhes é perguntado se elas já haviam pensado em parar de trabalhar, elas respondem negativamente.

A maioria das mães (87,5%) estima que o fato de exercer uma atividade profissional não influencia o seu relacionamento com a criança. Todavia, elas associam, em seus discursos, a possibilidade de que esta interferência possa aparecer quando a criança estiver em idade escolar. Elas parecem pensar que na idade de um ano a criança é ainda muito pequena para ressentir a sua falta, mas que isto poderia vir a acontecer mais tarde (a presença da mãe no retorno da criança da escola, o preparo de seu lanche, a disponibilidade a ouvi-la — são os temas mais focalizados).

Apesar da afirmação geral de que o seu trabalho no momento atual não interfere no seu relacionamento com a criança, 62,5% das mães confessam sentir dificuldades em desempenhar seus dois papéis: o de mãe e o de mulher no trabalho. Muito freqüentemente seus discursos são marcados de culpabilidade por não ver suficientemente a criança e de ter pouco contato com ela ("ah sim, é sempre difícil desempenhar as duas tarefas... não se tem a oportunidade de se ocupar da criança como seria o caso seu eu estivesse todo o tempo com ela...").

B. A modalidade de atendimento diarista dado à criança

As razões da opção pela creche (entre outros meios) como atendimento diarista foram variadas. A maior parte das mães dá razões que se relacionam com o bem-estar da criança (maior segurança na creche, maior atenção dada à criança, melhor formação do pessoal, etc.), acompanhadas de motivos de ordem prática (a creche dá banho na criança, nela recebe as vacinas) ou financeira (a creche é mais barata). Uma minoria (18,7%) se limita exclusivamente a razões de interesse único da criança.

Quanto à escolha da creche utilizada, a grande maioria dá razões de ordem prática (na realidade é a mais próxima do trabalho ou de casa). Um pouco mais da metade das mães baseia sua escolha unicamente em critérios desta natureza.

Grupo de mães que não trabalham fora

Todas as mães que não trabalham fora haviam tido já uma experiência com o exercício de uma atividade profissional. As razões evocadas para explicar a parada desta atividade são todas ligadas à presença da criança. Essas mães, em geral, não pensam exercer atualmente uma atividade profissional, mas elas pensam fazê-lo mais tarde (ordinariamente uma atividade em tempo parcial e

que de preferência não as obrigue a sair de casa) quando as crianças estiverem maiores e precisarem menos delas.

A satisfação que elas sentem com sua situação não impede a maioria, todavia, de experimentar dificuldades em ficar sozinhas com a criança o dia inteiro. Elas evocam a solidão ou às vezes a fadiga e atenção contínua que é necessário ter com a criança.

2.3.2 A relação mãe-criança e a percepção da maternidade

Não foi observada uma diferença significativa entre os dois grupos no que se refere ao treino da autonomia (deixar a criança manipular uma colher ou pegar a comida com os dedos), treino dos esfíncteres e aleitamento materno (75% em MTE e 93,7% em MFO)

As mães do grupo MFO dizem ter, de um modo geral, mais dificuldades com a criança que as do outro grupo ($\chi^2 = 11{,}7$; $df = 3$, $p < 0{,}01$), especialmente em fazê-las comer ($\chi^2 = 6{,}4$; $df = 1$, $p < 0{,}05$).

Com relação à preferência de atividades a participar com a criança, a escolha das mães do grupo MTE recai sobre os jogos físicos (cócegas, correr, etc); as mães do grupo MFO escolhem preferencialmente o banho, os jogos educativos e os passeios como mostra a tabela 2.

Tabela 2

Escolha das atividades a participar com a criança

Atividades	MTE (%)	MFO (%)
Banho	31,25	50,00
Jogos educativos	31,25	50,00
Passeios	12,50	50,00
Jogos físicos	50,00	18,75
Contato físico	37,50	31,25
Olhar livros	—	18,75
Reencontrar a criança no berço	—	12,50
Alimentação	—	12,50

No que concerne aos momentos preferidos do dia, todas as mães do grupo MFO e um pouco mais da metade do grupo MTE (56,25%) exprimem, pelo menos uma vez, um momento intimamente ligado à criança. Certas mães do grupo MFO citam unicamente momentos deste tipo enquanto nenhuma constatação semelhante é observada no grupo MTE. O momento mais evocado nos dois grupos é o da reunião da família (43,75% em MTE e 68,75% em MFO). São também citados o banho (6,25% MTE e 25% MFO), os passeios (6,25% MTE e 31,25% MFO) e os reencontros com a criança no berço (18,7% MTE e 31,2% MFO).

Quanto ao banho da criança, considerado um momento privilegiado de contato entre a mãe e a criança, observamos que a maioria das crianças cuja mãe exerce uma atividade profissional (62,5%) toma banho na creche; 25% toma banho em casa pela impossibilidade da oferta deste serviço pela creche e, assim, somente em 12,5% das crianças suas mães escolhem fazê-lo por elas mesmas.

Quanto à escolha dos momentos menos agradáveis do dia, a maioria das mães MFO e uma minoria do outro grupo emitem pelo menos uma vez a presença da criança (quando ela se torna difícil... quando não come...). Algumas mães do grupo MFO (18,75%) só falaram de momentos desta natureza, sendo que nenhuma constatação deste tipo foi encontrada no outro grupo. As tarefas domésticas são associadas, nos dois grupos, aos momentos desagradáveis (56,25% em MTE e 75% em MFO).

Os momentos em que é necessário correr, apressar-se (50%), acordar de manhã (31,25%) parecem ser particularmente penosos para as mães que trabalham fora. Para o outro grupo, fora as tarefas domésticas, são sobretudo os momentos em que a criança se torna difícil que são evocados.

Nos dois grupos (62,5%) as mães aceitam facilmente a idéia de empreender uma viagem com o marido sem a presença da criança. Porém as férias ideais, para a maioria das mães dos dois grupos, seriam em companhia da criança, onde existissem sol, praia e areia para ela.

A maioria das mães que exercem uma atividade profissional (68,7%) e um pouco menos da metade das que não trabalham fora (37,5%) não receberam nenhuma ajuda por parte de sua família ou de amigos por ocasião do nascimento da criança. Entre elas, um certo número do grupo MTE (27,3%) afirmou não tê-la querido.

Nos dois grupos um número razoavelmente importante de mães (50% em MTE e 43,7% em MFO) associa a chegada da criança unicamente a elementos negativos. São evocados: a falta de liberdade, o aumento de trabalho, a forte centralização sobre a criança em detrimento do adulto. Porém, para uma pequena minoria (12,5% nos dois grupos) só houve felicidade, enriquecimento.

No que concerne às modificações que este nascimento introduziu na vida do casal, algumas mães (25% em MTE e 43,7% em MFO) observaram maior proximidade com o marido. Para outras (50% em MTE e 31,35 em MFO) a criança veio de uma certa forma "perturbar" a sua vida a dois (menos possibilidades de saídas a dois, conversas "por demais" centradas na criança, marido e mulher não são mais cheios de atenção um para com o outro, será a criança que trará dissenções entre o casal...).

Uma proporção maior de mães que não trabalha fora confessa preocupar-se com seu desempenho como mãe (62,5% em MFO e 37,5% em MTE), mas a diferença entre os dois grupos não é estatisticamente significativa. Estas mães inquietas com seu desempenho, mais ansiosas, perguntam-se se o que elas fazem é benéfico ou não para a criança. Para a maioria dessas mães (83,3% em MTE e 70% em MFO) essas preocupações concernem ao período inicial, o momento em que voltando da maternidade para casa, elas se encontravam sozinhas, praticamente como únicas responsáveis pela criança.

A maioria das mães (93,7% MTE e 87,5% em MFO) afirma que desconhecia as dificuldades que apareceriam. Para algumas, essas diferenças são de ordem prática e dizem respeito à organização, ao aumento de trabalho, ao sono,

à disponibilidade (falta de liberdade, horários rigorosos que devem ser obedecidos, solicitação da criança...). Para outras, as dificuldades são de natureza psicológica e revelam uma forte ansiedade subjacente, ligada à sua falta de experiência. As mães do grupo MTE evocam particularmente dificuldades ligadas a uma falta de tempo e de organização. Os diferentes tipos de dificuldades estão reunidos na tabela 3.

Tabela 3

As dificuldades encontradas

Dificuldades	MTE (%)	MFO (%)
Aumento de trabalho	43,75	6,25
Organização	25,00	6,25
Disponibilidade	56,25	39,50
Sono	18,75	25,00
Falta de experiência	18,75	37,50

As mães que não exercem uma atividade profissional desejam mais que o outro grupo ter outros filhos ($\chi^2 = 5{,}93$, df $= 2$, $p < 0{,}10$) e, dessas, a maioria deseja ter ainda mais dois filhos.

2.3.3 Os papéis familiares

No que concerne à divisão de tarefas domésticas (exceto para lavagem de louça), ao cuidado dado à criança (salvo para conduzi-la ao médico) e às tomadas de decisão, a diferença entre os dois grupos só aparece quando o conjunto de atividades é considerado. Com efeito, os maridos das mães que exercem uma atividade profissional participam significativamente mais:

a) nas tarefas domésticas ($\chi^2 = 10{,}66$, df $= 4$, $p < 0{,}05$); entre estas atividades a lavagem da louça ($\chi^2 = 14{,}77$, df $= 4$, $p < 0{,}01$) é a que mais diferencia os dois grupos;

b) nos cuidados dados à criança ($\chi^2 = 10{,}37$, df $= 4$, $p < 0{,}05$); entre esses cuidados são significativos conduzi-la ao médico ($\chi^2 = 11{,}61$, df $= 3$, $p < 0{,}01$) e lhe dar de comer ($\chi^2 = 6{,}25$, df $= 3$, $p < 0{,}10$).

Quanto às suas esposas, elas participam nitidamente mais nas decisões familiares ($\chi^2 = 10{,}99$, df $= 4$, $p < 0{,}05$).

Todavia, é necessário sublinhar que esta divisão está longe de ser igualitária. As mães dos dois grupos têm sobre elas sozinhas a responsabilidade maior do trabalho doméstico e dos cuidados dados à criança, conforme mostra a tabela 4.

Tabela 4

Divisão dos papéis familiares

Proporção da divisão (%)

		A	*B*	*C*	*D*	*E*	Total
Tarefas domésticas							
	MTE	41,75	14,72	24,54	6,75	12,28	100
	MFO	56,89	15,57	14,97	2,99	9,58	100
Cuidados dispensados à criança							
	MTE	41,94	18,55	29,03	8,06	2,42	100
	MFO	44,80	32,00	18,40	3,20	1,60	100
Decisões							
	MTE	21,05	20,00	26,32	14,74	17,89	100
	MFO	6,25	21,88	25,00	26,04	20,83	100

Obs.: *A*: somente a mulher;
B: a mulher mais que o marido;
C: mulher e marido numa proporção idêntica;
D: o marido mais que a mulher;
E: somente o marido.

Para a mãe que trabalha fora, 42% das tarefas domésticas e dos cuidados dados à criança são feitos por ela sozinha. No que concerne aos cuidados dispensados à criança, na maioria das famílias dos dois grupos são as mães que, sozinhas, levantam-se à noite para acalmar a criança, colocam-na na cama para dormir, cuidam dela quando está doente, vestem-na e lhe dão banho.

3. **Discussão e conclusão**

3.1 *A opção para o exercício de uma profissão*

A razão mais evocada para trabalhar fora e fazê-lo em tempo integral foi de ordem econômica. Com efeito, as estatísticas mostram que a taxa de atividade mais elevada se encontra no grupo das mães que têm um só filho com idade inferior a seis anos (Institut National de Statistique, 1975). Parece claro que isto é conseqüência das necessidades materiais de um jovem casal.

As mães do grupo MTE confessam ressentir-se da falta de contato com a criança. Apesar disto, elas se persuadem de que seu trabalho não interfere

na sua relação com a criança a fim de atenuar sua culpabilidade. Lançam então esse problema de interferência no futuro, no momento em que a criança estará em idade escolar.

Apesar da satisfação que sentem com seu trabalho fora de casa, elas experimentam grandes dificuldades em desempenhar os dois papéis: o de mãe e o de mulher exercendo uma atividade profissional. Ainda que a maioria das mães dos dois grupos tenha confessado desconhecer, antes do nascimento da criança, as dificuldades que apareceriam, as mães do grupo MTE, em particular, não calculavam o aumento de trabalho, a necessidade de organização e de disponibilidade que lhes iria trazer o nascimento da criança. Desta forma compreende-se que um momento particularmente desagradável no seu dia-a-dia seja justamente aquele em que elas devam correr, apressar-se para fazer face às diferentes tarefas domésticas e educativas. A divisão desigual, entre esposos, destas responsabilidades parece ser um importante fator a ser associado às dificuldades enfrentadas por estas mães.

O banho na creche, tomado pela maioria das crianças, parece ser uma conseqüência direta da falta de tempo dessas mães, mas pode também ser o sinal de uma certa "acomodação" face a uma possibilidade oferecida pela creche. É lastimável que as creches não sensibilizem as mães sobre a importância deste momento privilegiado de contato entre mãe e criança.

A escolha da creche utilizada foi ditada, para a maioria das mães, por motivos puramente práticos, de modo a lhes facilitar a vida. Constatando a importância considerável do papel desempenhado pela creche, como bem sublinha Davidson (1961), uma vez que da eficiência de seus serviços irá depender a saúde física e mental, imediata e futura de numerosas crianças, não podemos deixar de ficar, ao mesmo tempo, sensibilizados e surpresos pela confiança, um pouco cega, manifestada pelas mães por ocasião de sua escolha. Com isto, nós nos conscientizamos do quanto esta confiança torna grande a responsabilidade das autoridades encarregadas do funcionamento das creches. Com efeito, não se pode deixar aos pais, mesmo os mais atentos, a responsabilidade de assegurar o desenvolvimento afetivo e psicomotor da criança se para isto eles só têm as noites e os domingos, se a creche, no resto do tempo, se ocupa unicamente das necessidades físicas (alimentação, limpeza e calor). É essencial que as creches respeitem um conjunto de medidas e se exija de seu pessoal a aplicação de regras as mais modernas de higiene geral e mental. Por outro lado, somos obrigados a constatar e a deplorar que a escolha que os pais possam fazer com relação às creches disponíveis sejam bastante limitadas. No caso específico de Bruxelas, se uma creche comunal[2] é de qualidade superior, mas é unicamente destinada aos moradores daquele bairro, as pessoas desejosas de colocar ali seu filho, motivadas pela qualidade da creche, teriam seu pedido de admissão negado.

3.2 *A relação mãe-criança e a percepção da maternidade*

O treino da autonomia, geralmente mais acentuado nas mães que trabalham fora (Burchinal & Lovell, 1974; Yarrow, Scott, De Leeuw & Heinig, 1962; Birbaum, 1971), parece ser sobretudo ligado à idade da criança. No que concerne às

[2] Creche subvencionada pela *commune,* que é uma subdivisão administrativa do município.

crianças de nossa amostra, nenhuma diferença entre os dois grupos apareceu. Em ambos os grupos encontraram-se mães que favorecem e outras que impedem as experiências da criança, tais como manipular uma colher ou tentar pegar a alimentação com os dedos.

As dificuldades encontradas particularmente pelas mães do grupo MFO com a criança parecem ser uma conseqüência direta da própria situação, tendo em vista que essas mães têm mais contato com a criança. Na realidade elas são as únicas responsáveis pela sua educação. Isto parece também indicar uma certa superproteção (essas mães deixaram de trabalhar fora para melhor poder se dedicar à criança), uma tendência a fazer suas vontades (se ela não come algo, a mãe procura rápido algo para substituí-lo...). Outra conseqüência deste maior contato parece ser a presença constante da criança no discurso da mãe que não exerce uma atividade profissional, manifestando-se tanto como uma fonte de prazer como de contrariedade.

Por outro lado não foram constatadas diferenças entre os dois grupos no que concerne a empreender uma viagem sem a presença da criança. Desta forma, as mães que não trabalham fora não se opõem mais que as outras a se separar da criança por um motivo de viagem. Na realidade isto lhes representaria repouso, ausência de horários e obrigações impostas pela criança ao longo do dia.

Observamos que as mães que não trabalham fora desejam mais que o outro grupo ter ainda outros filhos. Este desejo parece ser a conseqüência natural de uma vida mais calma, sem atropelos e, conseqüentemente, mais organizada, possibilitando à mãe maior disponibilidade para a criança. Embora esta diferença seja de uma significação estatística marginal, ela oferece uma confirmação das estatísticas (Institut National de Statistique, 1975) que mostram que a taxa de atividade feminina diminui à medida que aumenta o número de filhos. As mães do grupo MTE não manifestam desejo de abandonar o exercício de sua profissão.

3.3 *Papéis familiares*

Os modelos de papéis familiares oferecidos pelos nossos dois grupos se diferenciam no sentido de uma maior divisão das tarefas familiares entre esposos no grupo das mães que trabalham fora. Todavia, esta divisão está longe de ser igualitária. É evidente que a distribuição de papéis mantém-se ainda bastante tradicional mesmo para as mulheres que exercem uma atividade profissional. A expressão "ele me ajuda" mostra bem a existência de uma colaboração que não implica uma *prise en charge*, uma "responsabilidade" efetiva do trabalho ("se há um pouquinho de roupa para lavar e eu estou cansada, ele vai fazê-lo..."; "mesmo ainda agora, se eu lhe digo: escute, eu estou cansada, ou: você quer me ajudar? Mas se eu não digo nada, ele não vem...").

É interessante associar estes resultados ao tradicionalismo observado nas atitudes dos maridos face ao *status* de sua mulher (exercer ou não uma atividade profissional). Assim todos os maridos do grupo MFO aprovam a situação de sua mulher. Por outro lado, somente 37,5% daqueles do grupo MTE se mostram totalmente de acordo e 50% aprovam com reservas (necessidade de dinheiro...).

O fato de que a divisão de tarefas domésticas e dos cuidados dados à criança sejam mais igualitários, sem para tanto serem equilibrados, nas famílias em que a mãe trabalha fora, é também assinalado por vários estudos (Blood &

Hamblin, 1958; Weil, 1961; Szolai, 1966; Leplae, 1968; Hall & Schroeder, 1970).

Os papéis tradicionais persistem apesar de todas as modificações de situação. Certas mães se identificam com eles de tal forma que manifestam culpabilidade com relação às "suas" tarefas de casa quando não puderam fazê-la com maior perfeição.

Assim, a importância da participação equilibrada do marido na rotina diária quando a mulher trabalha fora e ainda não tem empregada não parece ser de todo evidente. É importante salientar que não são somente as considerações práticas que contam, o suporte moral tem um valor inestimável...

Esta situação acarreta naturalmente uma sobrecarga para a mãe que exerce uma atividade profissional e nos permite indagar quais as suas conseqüências diretas e indiretas sobre a relação mãe-criança. Como será desenvolvida a ligação afetiva mãe-criança (Bowlby, 1978)? Qual a disponibilidade efetiva desta mãe para assegurar à criança o meio suficientemente bom (Winnicott, 1970) indispensável a seu desenvolvimento afetivo?

Por outro lado, considerando que a criança aprende seu papel no seio de sua família, a esperança de que ela possa estruturar-se num espírito de compreensão e ajuda recíproca, baseado no respeito mútuo e na eqüidade, não parece ser ainda uma realidade muito próxima.

Esta evolução se faz com certeza, porém, lentamente...

Os resultados aqui apresentados refletem naturalmente um determinado contexto cultural que não é o nosso. Em nosso meio, incontestavelmente, outros problemas ainda surgirão decorrentes das características próprias de nossa realidade.

Pode-se já entrever uma importante diferença apresentada pela presença da empregada doméstica — situação ainda bastante comum no Brasil e praticamente inexistente na Europa. Naturalmente sua presença proporciona uma diminuição do tempo necessário à execução das tarefas domésticas, possibilitando assim, à mãe, maior disponibilidade para o contato com a criança. É importante, todavia, conhecer efetivamente a extensão do envolvimento da mãe nos cuidados proporcionados à criança sob tais condições.

No que diz respeito à criança, os grandes problemas levantados pela presença da empregada como substituto materno são a estabilidade, a formação e as características afetivas necessárias. Certamente esses problemas afetam a própria tranqüilidade da mãe, interferindo na sua relação com a criança assim como em sua satisfação pessoal.

Quando a escolha do substituto materno recai sobre a creche, constitui ela uma opção deliberada? Ou representa um paliativo durante a ausência passageira da empregada? Está a creche preparada para assumir o importante papel que lhe cabe no pleno desenvolvimento da criança? Quais as conseqüências destas situações no desenvolvimento posterior da criança?

Estas e outras questões necessitam de um estudo minucioso a fim de conhecermos, dentro de nossa realidade, a influência do trabalho materno durante os primeiros anos da criança sobre as atitudes e comportamentos da própria mãe, o desenvolvimento da criança e a estrutura familiar. Além da obtenção de informações, tal exame permitirá a comparação da situação no Brasil e na Bélgica.

Abstract

This study investigates some characteristics of 32 only child Belgian families. All children were 12 month old. Since the birth of the children, 16 of the mothers had a professional activity and 16 did not. An interview approach was used to obtain, from the mothers, information about their satisfaction with their status, their perceptions about motherhood, educational practices and family role models. The results show that in families where the mother has a professional activity there is a greater participation of the husband in the domestic work and child care as well as an absence of desires to have a second child. The day care center is chosen mostly for easiness of location and to it is given, in most of the cases, the responsibility for the child's daily bath. Considerations are made about the importance of the choice and the responsibilities of the day care center. A significantly larger number of mothers who do not work outside the home assert to have difficulties with the child.

Referências bibliográficas

Birbaum, J. A. *Life patterns, personality style and self esteem in gifted family oriented and career committed women*. Unpublished doctoral dissertation. University of Michigan, 1971. Apud: Hoffman, L. W. Effects of maternal employment on the child: a review of the research. *Developmental Psychology, 10*(2):204-28, 1974.

Blood, R. & Hamblin, R. The effects of wife's employment on the family power structure. *Social Forces, 36*:347-52, 1958.

Bowlby, J. The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis, 39*:350-73, 1958.

———. *Attachement et perte*. Paris, Press Universitaires de France, 1978. v. 1 e 2.

Burchinal, L. & Lovell, L. Relation of employment status of mothers to children's anxiety, parental personality and Pari scores. Unpublished manuscript (1425). Iowa State University. Apud: Hoffman, L. W. Effects of maternal employment on the child: a review of the research. *Developmental Psychology, 10*(2):204-28, 1974

Davidson, F. Étude sociologique de la population des crèches. Centre International de l'Enfance. Seminaire sur les creches; 5, 6 et 7 déc. 1960. *L'hospital et l'aide sociale à Paris,* (9):355-62, mai-juin 1961.

Hall, F. & Schroeder, M. Time spent on household tasks. *Journal of Home Economics, 62*:23-9, 1970.

Hoffman, L. W. Effects of maternal employment on the child: a review of the research. *Developmental Psychology, 10*(2):204-28, 1974.

Institut National de Statistique. *Recensement de la population*. 31 déc. 1970. Royaume de Belgique, Ministère des Affaires Economiques, 1975. t. 6 et 8.

Leplae, C. Structure des tâches domestiques et du pouvoir de décision de la dyade conjugale. In: de Bie, P. et alii. *La dyade conjugale*. Vie Ouvrière, 1968.

Moore, T. W. Children of working mothers. In: Yudkin, S. & Holme, A. *Working mothers and their children*. London, Sphere, 1969.

Morgan, F. L'emploi et les femmes. *Office des Publications Officielles des Communautés Européennes,* p. 140-7, 1979.

Murray, A. Maternal employment reconsidered: effects on infants. *American Journal of Ortopsychiatry, 45*(5):773-90, 1975.

Spitz, R. P. Hospitalism: an inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. *Psychoanalytic Studies of the Child, 1*:53-74, 1945.

Szolai, A. The multivational comparative time budget: a venture in international research cooperation. *American Behavioral Scientist, 10*:1-31, 1966.

Weil, M. W. An analysis of the factors influencing married women's actual or planned work participation. *American Sociological Review, 26*:91-6, 1961.

Winnicott, D. W. *Processus de maturation chez l'enfant;* developpement affectif et environnement. Paris, Payot, 1970.

———. *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris, Payot, 1971.

Yarrow, L. Separation from parents during early childhood. In: Hoffman & Hoffman, ed. *Review of child development research*. New York, Russell, Sage Foundation, 1964.

Yarrow, M. R.; Scott, P.; De Leeuw, L. & Heinig, C. Child-rearing in families of working and nonworking mothers. *Sociometry,* 25:122-40, 1962.

Yudkin, S. & Holme, A. *Working mothers and their children*. London, Sphere, 1969.